

# Entrevista Yannick Barthe:

## por Luísa Reis de Castro

Yannick Barthe possui doutorado em Sociologia pela École des Mines de Paris. Desde 2001 trabalha no Centre national de recherche scientifique (CNRS). É pesquisador do Centre de sociologie de l'innovation (CSI) na École des Mines de Paris, onde também está envolvido em atividades de ensino.

Sua principal área de pesquisa inclui controvérsias tecnológicas, políticas públicas em risco, participação pública em áreas científicas e tecnológicas, expertise científica. Ele estudou a história das políticas públicas sobre lixo nuclear na França e a regulação pública sobre o assunto. Atualmente, pesquisa a mobilização dos veteranos dos testes nucleares franceses e o tratamento público em relação a riscos do passado<sup>1</sup>.

**Luísa:** Para começarmos, o senhor poderia falar um pouco da sua trajetória, por que e quando o senhor decidiu estudar ciência e tecnologia, e mais especificamente dejetos nucleares, seus projetos atuais e futuros.

**Barthe:** Na verdade, eu venho de outra área. Eu venho da ciência política. Meu primeiro trabalho foi em análise de políticas públicas e foi dessa maneira que eu acabei estudando política (*policy*) da tecnologia. O evento chave foi a lei *Battaille*, a *loi Battaille*<sup>2</sup>, que foi uma lei sobre dejetos nucleares. Essa lei era muito interessante para análise, pois foi a primeira vez que houve uma lei na área de política nuclear na França, uma lei específica sobre o problema da política nuclear. Essa lei era muito original, pois foi a primeira vez que o poder político, mais exatamente o parlamento, entrou no programa de pesquisa. Os membros do parlamento definiram o programa e a avaliação da pesquisa. Eu percebi o quão original era ver isso, e como a lei pode mudar dispositivos técnicos. Isso foi o que aconteceu: os dispositivos técnicos em política nuclear foram modificados completamente apenas com essa lei. Na época eu ainda não tinha certeza se faria meu doutorado nessa questão, mas talvez fosse o caso. Então eu vim aqui e conheci Michel Callon<sup>3</sup> e ele também ficou muito interessado nessa lei e foi assim que eu comecei a estudar políticas de dejetos nucleares. Antes do meu doutorado eu não conhecia a área de STS<sup>4</sup>, apenas os artigos do Bruno Latour<sup>5</sup> e Michel Callon, mas eu não fazia parte da antropologia da ciência e tecnologia. Então esse foi o motivo para que eu fizesse esse estudo sobre dejetos nucleares. Agora todos meus projetos são sobre programas nucleares. Porém, com questões muito diferentes dos dejetos nucleares pois é sobre "veteranos nucleares". Você sabe, devido aos testes nucleares franceses, agora existem os veteranos nucleares que dizem estar doentes porque participaram desses

testes nucleares. Não é sobre o futuro, como em políticas de dejetos nucleares, mas sobre o passado. Você pode observar que com o passado há incertezas assim como com o futuro, pois o principal problema com a mobilização de veteranos é que qualquer um pode associar sua doença com a exposição à radioatividade. Então meu projeto é considerar incerteza em relação ao passado e não mais quanto ao futuro.

**Luísa:** O livro *Agindo em um Mundo Incerto (Acting in an Uncertain World)*<sup>6</sup> se tornou conhecido pela proposta de uma democracia técnica (*technical democracy*) e pela noção dos fóruns híbridos. Será que o senhor poderia dizer algumas palavras sobre eles, talvez dizendo como eles aparecem na sua pesquisa sobre lixo nuclear.

**Barthe:** Primeiro, gostaria de deixar algo claro. Parece haver um mal-entendido com a noção de fóruns híbridos. Para nós, não é um conceito, mas apenas uma maneira de descrever a situação, uma maneira de descrever controvérsias públicas. As pessoas leram o livro e gostaram da noção de fóruns híbridos. Após o livro, nós observamos na França algo como uma epidemia de fórum híbrido. Porém, é apenas uma maneira de descrever a situação criada pela controvérsia pública, uma situação na qual há muitos atores, na qual o debate não se restringe a peritos e na qual nós não sabemos exatamente a identidade dos grupos de interesse. Não é um conceito mas apenas uma ferramenta de descrição. É importante entender isso, pois o ponto principal do livro não são os fóruns híbridos, mas sim, eu diria, o problema de decisão e incerteza. E, na verdade, é estranho, pois o livro ficou conhecido pelo conceito de fórum híbrido e não pela proposta de contestar a noção de risco e propor a noção de incerteza, além de refletir sobre como decidir sob incerteza. Democracia técnica é uma forma de dizer que a democracia

<sup>1</sup> Para mais informações seu site é [http://www.csi.en-smp.fr/Perso/Barthe/Site\\_personnel\\_de\\_Yannick\\_Barthe\\_Accueil.html](http://www.csi.en-smp.fr/Perso/Barthe/Site_personnel_de_Yannick_Barthe_Accueil.html) (em francês).

<sup>2</sup> Lei francesa no 91-1381, de 30 de dezembro de 1991, formulada por Christian Battaille, regulava as pesquisas sobre gestão de lixo radioativo.

<sup>3</sup> Michel Callon desenvolveu (junto com Bruno Latour, John Law e outros) a teoria do ator-rede. De 1982 até 2006 foi professor da École de mines de Paris e pesquisador no Centre de Sociologie de l'innovation (CSI).

<sup>4</sup> Science and technology studies: Estudos da ciência e tecnologia.

<sup>5</sup> Bruno Latour desenvolveu (junto com Callon, John Law e outros) a teoria do ator-rede. De 1982 até 2006 foi professor da École de mines de Paris e pesquisador no Centre de Sociologie de l'innovation (CSI). Hoje em dia é professor na Sciences Po Paris. (site de Bruno Latour: <http://www.bruno-latour.fr/>).

<sup>6</sup> CALLON, Michel; LAS-COUMES, Pierre; BARTHE, Yannick (2009) *Acting in an Uncertain World: an essay on technical democracy*, tradução Graham Burchell. Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.

não para na fronteira da ciência e dos problemas técnicos. Eu penso que uma nova maneira de fazer política é mobilizar as pessoas sobre esse assunto. Talvez podemos observar na França algo como duas arenas, dois tipos de política. A política institucional que lida com problemas e projetos políticos clássicos; e outra política, que lida com esse tipo de assunto, com políticas (policies) de risco. A noção de democracia técnica é uma maneira de mostrar que há uma outra forma de reinventar a política, pois as pessoas debatem assuntos que antes eram tratados exclusivamente por peritos.

**Luísa:** O senhor poderia falar um pouco mais sobre como seria, então, o processo de tomada de decisões nesse mundo incerto?

**Barthe:** Nós procuramos mostrar nesse livro que as situações de incerteza necessitam modificar a noção tradicional de decisão política. A concepção tradicional, a de "decisão definitiva" (*clear-cut decision*), parece muito pouco adequada a essas situações que podem gerar danos irreversíveis. É preciso, então, imaginar decisões reversíveis, decisões que sempre podem ser revisadas em função de novas informações científicas. E são as formas que essas decisões reversíveis podem tomar, de acordo com os diferentes domínios, que é um aspecto interessante de ser analisado.

**Luísa:** No começo do livro *Agindo num mundo incerto* vocês distinguem a noção de risco da noção de incerteza. O senhor poderia comentar um pouco sobre essas noções e também comparar seu trabalho com o de Ulrich Beck<sup>7</sup>.

**Barthe:** Nós acreditamos que risco e incerteza são duas coisas diferentes e Beck lidou como se risco<sup>8</sup> e incerteza fossem a mesma coisa. A noção de risco é uma noção econômica, e em economia há uma distinção entre situação de risco e situação de incerteza. Qual a diferença entre esses dois tipos de situação? No primeiro você tem a possibilidade de definir os futuros estados de mundo (*states of world*) e calcular as probabilidades sobre esses diferentes estados de mundo, esses diferentes futuros. Quando você não pode definir quais seriam os diferentes estados de mundo, *le monde future*, e não pode interferir nas probabilidades para esse mundo, isto é incerteza. A distinção é muito importante porque a noção de risco é uma forma de lidar com a incerteza. Em muitos debates públicos, em discussões acerca de problemas de risco, muitas pessoas fazem como se estivessem lidando com risco e não com incerteza. O problema é muito diferente. Por que não estamos mais numa sociedade de risco? Beck disse que entramos numa sociedade de risco, mas o problema é justamente que não estamos mais numa sociedade de risco. Seria mais fácil se estivessemos, porque com a noção de risco você pode calcular os diferentes estados de mundo e escolher entre eles, mas numa situação de incerteza você não pode fazer isso. Então, o procedimento político tem que ser um pouco diferente. Não é mais uma questão ape-

nas de ciência, não é mais apenas uma questão de calcular dispositivos. É uma outra forma de lidar com esse tipo de situação. Você entende a diferença?<sup>9</sup>

**Luísa:** Eu fico um pouco confusa com essa distinção quando o senhor fala de risco coletivo. Quando vocês distinguem risco de incerteza, o que vocês fazem no *Agindo num mundo incerto*, eu entendo, mas em outros trabalhos o senhor introduz a idéia de risco coletivo<sup>10</sup>...

**Barthe:** Na verdade, o que é muito difícil com a noção de risco é que ela é duas coisas ao mesmo tempo. Risco, na língua corrente, é uma palavra que podemos usar para rotular um tipo de problema. Nesse sentido estaria o risco coletivo porque podemos definir quais pessoas seriam afetadas por esse risco. Porém, tecnicamente é muito diferente. Então ficamos um pouco desconfortáveis com essa linguagem, pois uso a palavra risco, mas sei que tecnicamente não é risco, mas sim incerteza. É muito difícil porque você tem uma certa irreversibilidade da linguagem. Todo mundo fala de risco, se você quer falar com eles você também tem que falar sobre risco, mas na verdade você sabe que é incerteza e não é risco.

**Luísa:** Outra pergunta. Frank Aggeri, comentando o livro *Agindo num mundo incerto*, destacou alguns pontos em relação a expertise, à propos de l'expertise, questionando que talvez, ao tentar evitar a discussão sobre expertise, vocês podem ter reforçado a divisão entre peritos e leigos. Eu sei que vocês escreveram uma resposta<sup>11</sup>, mas será que o senhor poderia comentar essa questão? E também comparar com outras linhas de pesquisa que também trabalham com a questão da expertise.

**Barthe:** Você tem que entender que o livro foi escrito em um contexto específico. No começo da década, toda a discussão sociológica acerca desses assuntos era sobre expertise. Nossa meta no livro foi destacar o fato que esse não era o problema principal. O problema é que expertise é sempre uma enquadramento (*frame*), uma maneira de enquadrar (*framing*) a questão. E é sempre uma maneira de não abrir a discussão para os diferentes estados de mundo. Os peritos nesses casos vão discutir sobre a probabilidade dos diferentes estados de mundo, e não a definição dos diferentes estados de mundo. O ponto de partida da expertise é a situação em que diferentes estados de mundo são definidos. A situação na qual estamos interessados não é essa, porque o principal problema nas controvérsias públicas é definir os estados de mundo e quem irá definir esses estados de mundo. Por isso ficamos distantes de expertise. O que almejamos não é reduzir o debate do problema de expertise e contra-expertise.

**Luísa:** Eu percebo como possível a emergência de grupos de interesse que querem se envolver e ter uma voz, como nos exemplos clássicos dos fazendeiro em que a pesquisa definiria a identidade de suas ovelhas e fazendas<sup>12</sup>, ou os

**7** Ulrich Beck é um sociólogo alemão conhecido, principalmente, por desenvolver os conceitos de sociedade de risco e modernização reflexiva: BECK, Ulrich (2009) *Risk Society: Towards a New Modernity*, Londres: Sage; e BECK, Ulrich; GIDENS, Anthony; LASH, Scott (1997) *Modernização reflexiva*. São Paulo: Editora da Unesp.

**8** Os novos riscos são definidos por Ulrich Beck como diferentes daqueles ligados a acidentes de trabalhos e outros existentes no início da modernização. Agora não se restringem mais a certo local ou a apenas um grupo específico de pessoas e em geral são difíceis de serem contidos. O que ele chama de perigos globais (*global hazards*) não respeitam fronteiras nacionais e nem distinções de classes (BECK 2009 : 13). Se antigamente os riscos podiam ser percebidos pelos sentidos, tornam-se agora ameaças invisíveis, escondidos em números de fórmulas químicas e físicas (*ibid* : 21). Não obstante, Bruno Latour (2003, *Is Re-modernization Occurring – And If So, How to Prove It? : A Commentary on Ulrich Beck*) nos lembra que não devemos interpretar essas idéias como se hoje em dia as pessoas vivessem de forma mais perigosa ou arriscada, ou que as pessoas agora são mais 'cientistas' ou 'conscientes' (: 36). O que mudou foi que agora há uma maior conscientização de que domínio (*mastery*) é impossível e controle sobre as ações é visto como uma completa ficção modernista (*ibid*).

**9** Em seu artigo "Les qualités politiques des technologies. Réversibilité et irréversibilité dans la gestion des déchets nucléaires" Yannick Barthe explica que "passar de incerteza para risco supõe [...] dois tipos de operação: de uma parte, definir e parar a lista de mundos possíveis e, de outra parte, calcular sua probabilidade de ocorrência. Quando a questão de risco é evocada, fixamos geralmente no segundo tipo de operação, o cálculo de probabilidades, enquanto o primeiro tipo de operação é muito mais pesado de consequências: trata-se na verdade de um enquadramento [*cadrage*] particularmente vigoroso uma vez que conduz a fechar a lista de mundos possíveis ao proveito de estados de mundo conhecidos e pertinentes do ponto de vista do cálculo de probabilidades, isso em detrimento de mundos possíveis ainda desconhecidos, indefinidos porque não se imagina ou inimagináveis, assim como os mundos possíveis imagináveis mas rebeldes [*rétifs*] ao cálculo". (BARTHE 2009 : 6).

**10** LEMIEUX Cyril, BARTHE Yannick (1998) "Les risques collectifs sous le regard des sciences du politique. Nouveaux chantiers, vieilles questions", *Politix*, n°44, p. 7-28; BARTHE, Yannick; GILBERT, Claude (2005) "Impuretés et compromis de l'expertise, une difficile reconnaissance. À propos des risques collectifs et des situations d'incertitude", in Dumoulin, LaBranche, Robert, Warin (dir.), *Le recours aux experts. Raisons et usages*

politiques, Grenoble, Presses universitaires de Grenoble, p. 43-62.

**11** BARTHE Yannick, CAL-LON Michel, LASCOUMES Pierre (2002), "Réponse à Franck Aggeri (à propos du livre *Agir dans un monde incertain*)", *Annales des mines - Gérer et comprendre*, n°68, p. 61-65.

**12** WYNNE, Brian (1989) *Sheep Farming after Chernobyl: a Case Study in Communicating Scientific Information*, *Environment*, vol.31, 2: 11-38.

**13** BARTHE Yannick (2006) *Le pouvoir d'indécision. La mise en politique des déchets nucléaires*, Paris, Economica, coll. "Etudes politiques".

**14** CSI: Centre de Sociologie de l'Innovation - Centro de Sociologia da Inovação. É um centro de pesquisa criado em 1967 da École de Minas de Paris, França.

**15** Mobilization profanes é um conceito utilizado para descrever mobilizações realizadas por não-especialistas. (AKRICH, Madeleine; BARTHE Yannick; RÉMY Catherine (ed.) (2010), *Sur la piste environnementale: Menaces sanitaires et mobilisations profanes*, Paris, Presses des mines.

**16** ANT: Actor-Network Theory - Teoria do Ator-Rede.

**17** LATOUR, Bruno (2004) *Politics of Nature: How to Bring the Sciences Into Democracy*. Cambridge: Harvard University Press; LATOUR, Bruno (2004) *Políticas da natureza: Como fazer ciência na democracia*. Bauru, SP: Edusc.

**18** SLOVIC, Paul (2000) *The Perception of Risk*. Earthscan, Virginia.

viticulturalistas em que a decisão de enterrar lixo tóxico transformaria o modo como seu vinho era visto e consumido<sup>13</sup>. No entanto, como lidar com os casos onde nenhum grupo de interesse emerge, especialmente nos casos que vocês definem como 'radicais', nos quais a incerteza apenas pode ser percebida a posteriori.

**Barthe:** É uma questão clássica. E eu não sei a resposta. O fato é que nesse livro não estávamos interessados em saber de onde os grupos de interesses estavam vindo. Não era uma sociologia da mobilização. Então, muitas pessoas falaram "está bem, mas o ponto de vocês é começar a análise quando há grupos de interesses". Eu não posso responder a essa pergunta, mas é uma questão muito boa. Porém, por exemplo, no caso que estudo agora, de veteranos nucleares, esse tipo de problema me interessa. A situação antes era que esse grupo não existia, era um grupo invisível. Foi apenas nos últimos três, quatro anos que esse grupo começou a existir. Há muitos instrumentos para tal. Você pode ter instrumentos científicos, como estudos epidemiológicos, por exemplo, mas você também pode ter outro tipo de instrumento que é a mobilização política, através da internet, por exemplo. Esse projeto é para estudar os diversos tipos de instrumentos que tornam grupos visíveis, que interessa esse grupo que antes não interessava. Não é um problema, se não há grupos de interesse, então você não tem debate. Se você olha para o lixo nuclear na França, por exemplo, a discussão não é sobre o lixo atual mas sobre o lixo futuro. Seria muito difícil fazer qualquer outra coisa com o lixo atual que não enterrá-lo em depósitos subterrâneos. Para ter uma discussão nesse tipo de assunto, você precisa de grupos de interesse que estão dispostos a entrar na caixa-preta. Se você não tem isso, você não pode fazer nada. Mas há muitas discussões desse tipo agora, e atualmente esse tipo de debate é mais visível que no passado. É realmente uma questão: por que certos assuntos são muito visíveis, como agora na França os celulares e seus efeitos, e em outros assuntos nos quais sabemos haver algum risco, não são tão visíveis?

**Luísa:** Em sua opinião, o que a equipe que trabalha no CSI<sup>14</sup> tem em comum? Quais conquistas você acha que a equipe do CSI alcançou?

**Barthe:** Eu diria que há dois grandes momentos na história do CSI: primeiro, o estudo da ciência e das controvérsias sóciotécnicas nos anos 1980-1990, no plano teórico com a invenção da ANT e dos trabalhos mundialmente célebres de Michel Callon e Bruno Latour. A partir dos anos 2000, entramos em um outro período no CSI. Os temas são mais variados: a política, o direito, a medicina, o mercado etc. E os trabalhos do CSI, como alhures, têm sido cada vez mais dedicados às controvérsias públicas sobre as questões científicas e técnicas, abordando o tema das mobilizações "profanas" (*mobilizations "profanes"*)<sup>15</sup>, das democracias técnicas, das associações de doentes etc. Hoje em dia, nós sem dúvida entramos em um novo período, mais

incerto no plano teórico. Ao mesmo tempo em que nos beneficiamos com as aquisições teóricas, nos parece necessário investir em novos objetos, avançar novas noções.

**Luísa:** Como o senhor acha que suas particularidades contribuem para o quadro geral no CSI?

**Barthe:** Eu não sou um "produto puro" do CSI, pois meu trabalho é, em certos aspectos, mais clássico e não ANT<sup>16</sup>. Michel Callon foi meu orientador e, como venho da ciência política, eu tentei interessá-lo em assuntos políticos, como a decisão. Então, por exemplo, recentemente nós escrevemos um artigo sobre reversibilidade e decisão. Talvez seja porque eu venho da ciência política e estava interessado em política públicas e no problema de tomada de decisões. Talvez minha contribuição foi encorajar meus colegas a trabalhar nisso.

**Luísa:** Como o senhor compara o livro *Agindo num mundo incerto* com o livro do Bruno Latour *Políticas da Natureza*, que foi publicado mais ou menos na mesma época?

**Barthe:** Bruno disse que o *Políticas da Natureza*<sup>17</sup> era a constituição e o *Agindo* o legislativo (*law making*). Porém, eles não têm exatamente o mesmo propósito. Eu acho que o livro do Bruno é mais filosófico que o nosso. O nosso livro é bem baseado em exemplos concretos, não é um livro filosófico.

**Luísa:** O senhor poderia dizer qual a influência das ciências sociais antes e hoje em dia nas controvérsias públicas, bem como qual deveria ser o papel dos cientistas sociais, especialmente aqueles que estudam ciência e tecnologia.

**Barthe:** O problema da implicação das ciências sociais neste tipo de assunto ainda é o mesmo. Se você participa em uma expertise, por exemplo, você tem dois tipos de cientista social. O primeiro quer falar sobre o público, a população. Então há as enquetes, o que as pessoas querem, o que as pessoas precisam... Essa é uma tradição antiga nas ciências sociais, estudos psicológicos, psico-análises, etc. Paul Slovic, por exemplo, trabalha com análises de *percepção de risco*<sup>18</sup>. Esse tipo de ciências sociais está no ponto contrário do CSI, o que o CSI fez durante estes últimos 20 anos, pois eles fazem uma grande separação entre o social e a ciência. Esses cientistas sociais estão interessados no social, e o social são as pessoas. Então, eles falam pelas pessoas, mas as pessoas não falam. A maneira na qual cientistas sociais podem desempenhar um outro papel nesse tipo de expertise, por exemplo, é apenas fazer um trabalho reflexivo. Por exemplo, quando cientistas dizem que a ciência mostra que celulares não tem efeitos perigosos. Você pode dizer que não é tão simples assim, porque há incertezas, você tem que mostrar as incertezas. O objetivo não é falar pelas pessoas, mas participar a fim de fazer as incertezas visíveis. E se as incerte-

zas estão visíveis, então pessoas de fora podem participar do debate. Há dois tipos de ciências sociais, porém há uma grande quantidade de cientistas sociais que são do primeiro tipo e você não pode fazer nada a respeito. Nós escrevemos livros, artigos, *papers* para dizer, por

exemplo, que o simples fato de fazer um estudo na percepção do risco é uma maneira de fazer política. Diz-se que é apenas percepção. Não se pode dizer isso. Mas é sempre a mesma coisa, há sempre estudos sobre mesma coisa, percepção de risco. É um pouco desencorajador...